

STRAZZACAPPA, Márcia. Nos espaços do entre: refletindo sobre um processo de criação cênico-coreográfico. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; professor doutor; CNPq; bolsista produtividade; artista da dança e diretora.

RESUMO

O artigo apresenta uma reflexão sobre um processo de criação realizado em 2010 sobre o tema “entrelugares do corpo e da arte”, em que se misturaram artistas da dança e pesquisadores acadêmicos que transitaram entre dois espaços culturais independentes (Tugudum de Campinas/SP e Centro Meme de Porto Alegre/RS); e um grupo de pesquisa universitário (Laborarte - Laboratório de Estudos sobre Arte, Corpo e Educação/UNICAMP). As participantes eram todas egressas das primeiras turmas de graduação em dança da Unicamp, porém, com formações e atuações distintas, que englobavam os campos artísticos (atuação, coreografia, direção teatral) e educacionais (docência nos níveis fundamental e superior). Como articular estes diferentes campos de formação e atuação em uma proposta cênico-coreográfica? - foi a primeira questão levantada. O espetáculo teve a direção artística de Paulo Guimarães, figurinos de Helô Cardoso e paisagem sonora de Dalgalarrondo. Ao se pensar os entrelugares do corpo e da arte, questionamos os diferentes papéis assumidos pela mulher/artista na atualidade. Verificamos que os arquétipos da mulher selvagem (ESTES, 1994) podem ser ressignificados na mulher contemporânea. Partindo-se do princípio de que toda criação tem um fundamento autobiográfico (SALLES, 2004), o espetáculo tem momentos nos quais são narradas histórias vividas e sonhos, mesclando-se real e imaginário. São várias as linguagens presentes em cena, ao se trabalhar com textos literários e autorais; cantigas populares de domínio público e percussão. O espetáculo estreou em agosto (2 Seminário Internacional de Educação Estética) com o título “Sobre mulheres e lobos” e foi apresentado em Porto Alegre/RS, São Carlos/SP e Natal/RN, quando se deu início à terceira etapa do projeto, em que uma artista da dança local foi integrada na coreografia narrando um conto local. Esta terceira etapa do projeto visa promover tempos de encontro, incentivando o diálogo entre artistas, pesquisadores e instituições de ensino, sobretudo as que acabaram de abrir graduações em dança, e divulgar outras formas de se construir conhecimento em arte e saberes do/no corpo.

Palavras Chaves: Processos de criação. Entrelugares. Graduação em dança.

STRAZZACAPPA, Marcia. In between: thinking about a choreographic creation process. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; Professor Arts PhD; CNPq; bolsista produtividade; danser and director.

ABSTRACT

This article shows a reflexion about a creation process during 2010 about “in between of the body and the art”. This process mix up dancers and accademic researchers that walked between two cultural spaces (Tugudum in Campinas/SP and Centro Meme, in Porto Alegre/RS); and a research group at the state university of campinas (Laborarte - Laboratório de Estudos sobre Arte, Corpo e Educação/UNICAMP). The dancers were undergraduated at the first group of the dance program at the state university of Campinas, but with differents approaches in Art (acting, choreografing, directing drama) and in Education (children teaching and senior teaching). How can we articulate those differentes fields? This was the question asked at the first place. The show was directed by Paulo Guimarães; costumes and masks by Helô Cardoso (Unicamp) and music by Dalgalarrondo. When we thought about the spaces in between, the dancers asked about the differentes roles taken by the women nowadays. We observed that the women

archectip (ESTES, 1994) can be ressigned in the contemporary women. Knowing that all creation process is based on autobiographical lines (SALLES, 2004), the show has some moments that histories and dreams are shared with the public, mixing the real and the imaginary world. At the scene we can find different languages as drama, songs and percussion. The oppening has taken place in august, during the 2 *Seminário Internacional de Educação Estética*, titled "Sobre mulheres e lobos". It has been shonw in Porto Alegre/RS, São Carlos/SP and Natal/RN, where a local dancer took part of the choreography by telling a regional tale. This third moment provided the contact and the dialog between two institutions (UFRN, UNICAMP) and some artists and researchers, showing (and propagating) that there are others ways to build knowlegde in/to the body.

Keys words: Creation process. In between. Dance undergraduation.

O presente artigo apresenta uma reflexão sobre um processo de criação realizado em 2010 sobre o tema "entrelugares do corpo e da arte" que resultou no espetáculo "Sobre mulheres e lobos" em Campinas/SP. Há muitos anos discuto e pesquiso os espaços/tempos do *entre*, isto é, entre a arte e a docência (STRAZZACAPPA, 2006); entre o ser professor e o ser artista e, mais recentemente; entre o espaço acadêmico universitário e o mundo da criação em arte independente. Parto dos princípios de que: 1- o fazer artístico é necessariamente um processo educativo, tendo em vista que sua ação promove transformações tanto naquele que faz arte quanto naquele que dela participa na condição de apreciador, espectador, leitor e/ou interlocutor; 2- a universidade não é o espaço consagrado da arte mas apresenta-se como **um** dos espaços possíveis; 3- a interlocução entre pesquisadores universitários e artistas independentes é salutar e desejável pois pode promover o desenvolvimento e a retroalimentação de ambos.

O recorte aqui apresenta um processo que ocorreu, literalmente, nos possíveis "tempos de encontro", tema da ABRACE. Envolvendo espaços de produção de conhecimento distintos, de um lado, dois centros culturais privados, um em Campinas/SP, (Tugudum - espaço de percussão e dança contemporânea) e outro em Porto Alegre/RS, (Meme - Centro de pesquisa em movimento); e do outro lado, um grupo de pesquisas ligado a uma universidade pública (Laborarte/UNICAMP, Laboratório de Estudos sobre Arte, Corpo e Educação), o projeto ocorria em encontros mensais de poucos dias, em que os artistas ficavam submersos em intensas sessões de trabalho. O primeiro encontro ocorreu no Carnaval e os demais respeitaram os feriados dos meses subseqüentes. A utilização de feriados se deu em função da dificuldade de organizar uma agenda em comum de cinco profissionais, cada qual com suas atividades. A cada encontro de quatro dias, um mergulho e novas tarefas para as semanas que se sucediam.

O projeto contou com a participação de artistas da dança graduadas nas primeiras turmas de dança da UNICAMP (Valéria Franco, Carla Morandi, Rosana Baptistella e eu, Márcia Strazzacappa) e com a direção artística de Paulo Guimarães, ex-integrante da Quasar (GO) e atual diretor do Meme. Embora egressas do mesmo instituto, as artistas da dança possuíam formações e atuações distintas, que englobavam os campos artísticos (atuação, coreografia, direção teatral) e educacionais (docência em vários níveis da educação básica e do ensino superior). Como articular estes diferentes campos de formação e atuação em uma proposta cênico-coreográfica? foi a primeira questão levantada. Afinal não se tratava de uma criação em companhia ou escola cujos integrantes tinham um vocabulário comum. No projeto, eram quatro corpos distintos com suas bagagens, dirigidos por um quinto artista com sua própria. Ao iniciar o processo, uma outra questão veio à tona quanto

a como manter o “estado de alma” encontrados durante os laboratórios nos longos intervalos que se sucediam a cada partida?, afinal a distância entre Porto Alegre e Campinas era um obstáculo a ser transposto, ao mesmo tempo que serviu como um dinamizador do processo. Diante da impossibilidade de encontros freqüentes tínhamos tarefas individuais a serem cumpridas. Cada qual, dentro de seu tempo/espço possível realizava sua investigação. Quando nos encontrávamos para outro retiro/mergulho, era o momento da troca.

Ao se pensar os entrelugares do corpo e da arte, questionamos os diferentes lugares e papéis da mulher/artista na atualidade. Verificamos que os arquétipos da mulher podem ser resignificados na mulher contemporânea. Da leitura da obra “Mulheres que correm com os lobos” (ESTES, 1994) na qual são analisados vários contos e mitos que têm como tema o arquétipo de mulher selvagem, cada artista da dança selecionou um conto para servir de material para os laboratórios de criação.

O conto por mim selecionado foi “Pele de foca, pele da alma”, no qual uma mulher foca tem sua pele apropriada por um homem que, para devolvê-la, lhe pede para permanecer com ele por sete anos. (ESTES, 1994, pp. 323-328) Este conto fala da essência, de nossa natureza, daquilo de que somos feitos. Ao narrar este conto, transporto-o para a realidade presente. É assim que vejo o artista dentro da universidade. Ele não pode se distanciar de sua essência, de sua arte; da mesma forma como um professor universitário, em cargo administrativo não deveria se distanciar da sala de aula. Em ambos os casos, representaria o distanciamento da essência, logo, a perda de consciência de sua natureza primária: a arte, para o primeiro, e a docência, para o segundo. Aprofundo esta discussão no artigo redigido para os anais do Seminário Internacional de Educação Estética, assim concluído:

apesar de toda a burocracia (...) da pressão pelo aumento da produtividade e de publicação, entre outras coisas, continuar a produzir arte não somente é possível, como é necessário para não se perder “a natureza daquilo de que se é feito”. (STRAZZACAPPA, 2011)

O processo artístico aqui analisado mesclou momentos de investigação individual e em grupo. Guimarães dirigia os laboratórios propondo algumas atividades de forma a provocar alguns “estados de espírito”, como ele mesmo afirmava. Aos poucos células coreográficas eram encontradas para, em seguida, serem desfaceladas. Essa forma de construir/desconstruir células coreográficas era de difícil aceitação para mim. Acostumada a processos de composição corporal pautada na mimeses, estar em situação de experimentar um gesto e memorizá-lo para, em seguida, abandoná-lo ou transformá-lo era, no mínimo, incômodo. Ficava a me perguntar: em que momento iríamos fixar algo?

Desde a estréia do espetáculo em agosto de 2010, a obra foi apresentada em diferentes versões em Porto Alegre/RS, São Carlos/SP e Natal/RN. Trata-se de um processo em eterna mudança e, talvez, essa seja sua única permanência: a constante transformação. Segundo Cecília Salles, “o artista lida com sua obra em estado de contínuo inacabamento, o que é experienciado como insatisfação. No entanto, a incompletude traz consigo também valor dinâmico.” (SALLES, 2006, p.21). Em Natal enfrentamos o mais novo desafio que foi contracenar como uma artista da dança local integrada (em dois dias de ensaio) na coreografia, narrando um conto regional, no caso, o da “Viúva Machado”. Para isso ocorrer, postamos a coreografia no *youtube* (vide “sobre mulheres e lobos – parte 1”) para que ela pudesse ter acesso a cena e estudá-la. O objetivo não era a reprodução dos

movimentos, mas a captação de seu clima, afinal, como a artista teria de narrar um conto local, o gesto partiria desta narrativa.

Ao chegarmos em Natal/RN, novamente nos tempos possíveis de encontro, entramos em processo de experimentação de “estados de alma” buscando nos reconectar ao clima de cumplicidade existente entre as dançarinas. O trabalho foi desenvolvido dentro do curso de dança recém aberto da UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte e a artista da dança que integrou a coreografia, Karenine Porpino, era professora e então coordenadora do curso que preenchia os requisitos mínimos apontados no início do projeto: ter mais de 40 anos, ser profissional da dança e ter vivido a experiência da maternidade.

Após dois dias de ensaio, apresentamos a coreografia na sala de espetáculos do departamento dentro da programação do evento “Quem conta um conto aumenta um ponto”¹. Após a performance foi aberto um espaço de interlocução entre artistas e público. Após perguntas sobre o processo de criação, música, uso de máscaras e curiosidades sobre dificuldades enfrentadas; pela fala dos estudantes, ficou evidente quão importante era para o artista em formação ver corpos maduros em cena, quebrando o estereótipo de que apenas jovens são passíveis de estar no palco. Outros afirmaram que o que mais lhes havia tocado era ter visto uma de suas professoras dançar, cantar e até gritar em cena. A mesma satisfação foi sentida pela própria artista que, vindo de uma escola mais tradicional de dança, quebrou barreiras ao soltar a voz no palco. Outro paradigma quebrado na apresentação dizia respeito à relação entre teóricos e práticos do mundo da dança, ao terem visto um de seus referenciais teóricos, ou seja, uma das autoras que escreve e discute sobre a dança, dançar.

Estar em cena ao lado de artistas independentes permitiu o contato com a realidade (e as dificuldades) do mundo do espetáculo vivo, da produção artística não patrocinada, da lógica (por vezes perversa) dos editais. Como professora universitária que atua junto à formação de artistas (teatro e dança) essa experiência permitiu identificar e analisar pontos a serem trabalhados no futuro nos cursos de graduação. Por vezes, nós, professores universitários, nos colocamos em uma bolha e perdemos a dimensão do cotidiano de grande parte dos artistas brasileiros. Por outro lado, a discussão iminente do fazer acadêmico, suscitava nos artistas independentes uma outra forma de ver sua produção em arte, trazendo questionamentos importantes à reflexão de sua função como artista no Brasil do século XXI, pois, para além de produzir artisticamente, há uma produção de conhecimento do e pelo corpo. Assim, a ponte entre a pesquisa cênica e a pesquisa acadêmica se delineava a cada instante. Uma ponte manifesta na possibilidade do espaço universitário e o espaço da arte independente serem propiciadores (e provocadores) de tempos de encontro.

Referências Bibliográficas

- ESTES, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos*, Editora Rocco, São Paulo, 1994.
- SALLES, Cecília. *Redes de Criação - construção da obra de arte*, Editora Horizonte,

1 *Quem conta um conto aumenta um ponto*, evento organizado pela UFRN dentro do projeto “Era uma vez uma história contada outra vez – educação, memória, imaginação e criação”, financiado pelo ProMinc-Capes numa parceria entre Unicamp, UFG e UFRN.

são Paulo, 2006.

STRAZZACAPPA, Márcia e MORANDI, Carla. *Entre a arte e a docência – a formação do artista da dança*. Papyrus, 2006, 1ª edição.

STRAZZACAPPA, Márcia. Daquilo de que somos feitos. IN. ALBANO, Ana Angélica e STRAZZACAPPA, Márcia (org.). *Entrelugares do corpo e da arte*. Anais do 2o Seminário de Educação Estética. Editora da Faculdade de Educação, 2011 (no prelo)